

MEMÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-
RIOGRANDENSE:
HISTÓRIAS DE VIDA COM IDOSOS
SANTACRUZENSES

*João Aníbal Gottems dos Santos**

* Professor no Departamento de Ciências Humanas da UNISC e Mestre em Antropologia Social pela UFRGS. Agradecimentos para as bolsistas Marlise Ritter e Mara Regina Goularte, que acompanharam todo o processo da pesquisa com dedicação e competência.

Pesquisar a questão da memória social teuto-riograndense aparece como fundamental para entendermos o contexto atual, seja em termos de comportamento ou das próprias manifestações culturais presentes no cotidiano e na identidade étnica de Santa Cruz do Sul. Assim, tanto a memória dos idosos como a própria identidade de um grupo encontra-se em constante contato com as transformações e com a heterogeneidade cultural do mundo contemporâneo.

Hobsbawn (1972), citado por Le Goff, ressalta a “importância social do passado” frente ao processo de mudança e inovação.

“Qual a parte de inovação que as sociedades admitem na sua ligação com o passado?” (Le Goff, 1996:213)¹

Hobsbawn ressalta o perigo de mitificar o passado a partir da “invenção das tradições” ocorrido em diversos países europeus, seja através da construção de monumentos, estátuas e histórias nacionais.

A presente pesquisa está relacionada a duas temáticas: terceira idade e memória “étnica alemã”. O resgate da memória a partir da perspectiva histórica e social é abordada por Halbwachs (1976) ao remeter-se aos quadros sociais da memória.

A história oral têm se constituído num método de pesquisa que possibilita o resgate de fatos históricos a partir das vivências cotidianas dos sujeitos envolvidos.²

A perspectiva de Halbwachs (1990) aparece como clássica na relação entre a memória autobiográfica e a memória social.

“Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas.” (Halbwachs, 1990:53)

“Então, é da própria lembrança em si mesma, e em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica.” (Halbwachs, 1990:71)

O autor fundamenta a noção de “memória de um grupo” enquanto um fato social, ou seja, as lembranças compartilhadas em um determinado momento histórico.

Ao privilegiar a construção social da identidade rejeita-

¹ Le Goff (1996) cita como exemplos as restaurações simbólicas e a reconstrução de cidades após a Segunda Guerra Mundial.

² Ver “10ª Conferência Internacional de História Oral”, Rio de Janeiro, junho de 1998.

se uma perspectiva substancialista por defini-la a partir de elementos deterministas, sejam raciais ou enquanto uma homogeneidade sem contradições internas. A partir de uma perspectiva social e histórica é possível perceber a construção da identidade teuto-riograndense no contexto econômico, político e cultural.

A pesquisa realizou-se a partir de “histórias de vida” realizadas junto a idosos de origem étnica alemã, nas quais buscou-se fatos marcantes vivenciados pelos idosos durante sua infância, adolescência, vida adulta e terceira idade. Estas vivências relatadas pelos idosos possibilitaram a reconstrução de fatos significativos referentes à “identidade étnica alemã”:

- a vinda e instalação dos imigrantes
- as histórias de trabalho
- a importância da religiosidade (católicos e evangélicos)
- as condições de educação
- os laços de solidariedade e valores dos descendentes alemães
- as festas típicas, namoros e sociabilidade
- repressão e conflitos étnicos e políticos no período do Estado Novo.

A metodologia de “história de vida” de descendentes de imigrantes alemães permite um olhar para seu cotidiano, para as pessoas que muitas vezes eram interpeladas por diversos discursos de ideólogos da germanidade, sejam jornalistas, escritores, clérigos, políticos, professores ou lideranças comunitárias.



Foto I - A importância dos laços familiares num dia comemorativo.

Ao nos voltarmos para a identidade étnica dos teuto-riograndenses, uma das questões centrais refere-se à integração ou ao isolamento na sociedade brasileira. Assim, de um lado, ressalta-se a perspectiva da homogeneidade étnica, cultural e religiosa e, de outro, a polêmica questão da integração nacional.

São grandes as controvérsias em torno da assimilação/aculturação dos imigrantes alemães no solo brasileiro, principalmente pela permanência de imigrantes e colônias com relativo nível de isolamento e autonomia econômico-cultural no sul do Brasil (Roche, 1969; Willems, 1946 e Seyferth, 1976). Assim, parte-se do pressuposto da existência de formas específicas que identificam a identidade teuto-riograndense: o forte poder prescritivo da religiosidade, o uso dos diferentes dialetos alemães, a estrutura familiar funcionando para a coesão dos laços sociais e as manifestações culturais (danças, festas, "kerbs", gastronomia).

Ao nos reportarmos à construção da identidade teuto-riograndense, é importante não incorrer no erro de absolutizar o grupo, que guarda diferenciações internas. Assim, não podemos pressupor uma homogeneidade ao falarmos em teuto-brasileiros ou teuto-riograndenses.

Autores como Piccolo, Seyferth (1993, 1997) ressaltam a heterogeneidade da população teuto-riograndense. As diferenças entre a população urbana e rural são elucidativas quanto às diferenças de inserção no processo produtivo³. Outro fator refere-se às diferenças de origem na Alemanha, destacando-se que na época existia uma Confederação Germânica e não um "Estado Nacional Alemão". Destacam-se ainda as diferenças religiosas (católicos e evangélicos luteranos ou calvinistas).

Neste contexto, para entendermos a inserção dos teutos na sociedade brasileira, faz-se necessário contextualizar a partir da diversidade étnica e cultural que compõe a identidade nacional. A questão da miscigenação atingiu e atinge todas as etnias no âmbito do mito da democracia racial.

Contemporaneamente, a questão da convivência ou conflitos étnicos têm estado presente tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos, tendo repercussões

³ Sobre a presença dos teutos em Porto Alegre entre 1850-1889, ver Gans (1996).

econômicas, políticas e culturais, seja em forma de movimentos de xenofobia ou através do multiculturalismo.⁴

Dificuldades de instalação e a ética do trabalho entre os primeiros imigrantes alemães e seus descendentes

Os primeiros imigrantes alemães a se instalarem na região foram motivados pela política imigratória do Governo Imperial, a qual necessitava de mão-de-obra e tinha em vista a ocupação de regiões ainda inexploradas e de difícil acesso.⁵

A questão da vida em comunidades aparece como um dos aspectos mais controvertidos quanto à inserção social dos teutos-riograndenses (Roche, 1969; Willems, 1946; Seyferth, 1976). O isolamento geográfico, por limitações territoriais e a necessidade de ocupação de terras nas regiões montanhosas, gerou a polêmica homogeneização étnica-religiosa e cultural, ao mesmo tempo em que a noção de "pertencimento" local fortaleceu os laços de solidariedade a partir da etnicidade⁶. A questão trabalho ou mesmo da "ética do trabalho" apresenta-se como um dos elementos centrais na instalação dos imigrantes e na construção da "identidade étnica alemã" no Rio Grande do Sul. Muitos relatos destacam-se pelas dificuldades de desbravamento e instalação dos teutos, sendo importante distinguir as reais condições geográficas e os receios e mitos.

"Foram largados no mato, agora vocês se viram, né. Todas noites tinham que fazer fogo, tipo fogueira, né, para os leões, esse tipo de bicharada não chegar perto. Daí ganharam galinha, esse tipo de coisa pra começá a criação, né. Então eles lutaram bastante, pra vim pra Santa Cruz eles vinham de cavalo pra fora, pra vendê as coisa pra tê dinheiro pra comê. O pessoal comprava, né, nas pequenas bodegas, como se dizia. Então eles

⁴ Para uma visão crítica do multiculturalismo, ver Enzensberger (1993).

⁵ Quanto aos motivos da emigração da Alemanha, ressaltam-se fatores econômicos e políticos devido ao esgotamento das terras e a necessidade do êxodo rural. Ver Seyferth (1994).

⁶ Para uma análise da relação entre construção de identidade a partir da região, ver Bourdieu (1980).

vendiam aquilo, leite, ovos, depois começou a ampliar mais, aumentaram a família também. Isso foi em Rio Pardinho. Meus pais nasceram em Rio Pardinho também. O pai teve que se casar, daí eles foram morá perto de Sinimbu. Daí, eu cresci, eu tinha já 8 anos então.” (Arminda Seidel Dick, 84 anos)

Quanto à representação do valor-trabalho, Seyferth (1986) assinala que é uma representação central para a construção da identidade, tanto para os alemães, italianos e poloneses. Para os imigrantes, o trabalho assume um valor, visto que estes se consideram pioneiros e civilizadores que “transformaram as florestas do sul do Brasil em ilhas de civilização”. Ainda segundo Seyferth (1986), muitos descendentes alemães comparam seus avós com “bandeirantes do sul”, devido ao papel de desbravadores.⁷

“Tinha lugares lá que não davam passagem. De Santa Cruz a Lajeado a gente levava um dia, dia de chuva, né, um dia carregando.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Levava de carroça quando dava, que às vez vinha aquelas enxurrada, estragava a estrada, tinha que levá só nas costa, levava quase meia hora de caminhada pra que a carroça podia chegá.” (José Wiebeling, 77 anos)

Quanto às representações em torno do imigrante alemão e sua dedicação ao trabalho, necessita-se contextualizá-las a partir das motivações e fatores históricos da vinda para o Brasil. Há o perigo de mitificarmos o valor-trabalho ou mesmo homogeneizarmos as condições de trabalho para o conjunto da população teuta.

⁷ Ver ainda Woortmann (1995), sobre o “espírito empreendedor” dos imigrantes alemães.

“Tinha que levantar de madrugada e quando clareava o dia. Passei muito trabalho. Depois morava em Alto Paredão e o pai comprou uma terra no Rio Pequeno, daí a gente tinha que sair antes de clarear o dia pra chegar a tempo no trabalho. Nós plantava mantimento e milho, arroz nós plantava lá em cima, e fumo de corda e de galpão, as sobras vendia.” (José Wiebeling, 77 anos)

“Tudo era feito a cavalo e carroça⁸. Já tinha 3 irmãos, eu era a mais velha, criança tinha que ir na aula, e se tá pra chuva e aquele arroio se não passa antes, então aquele desastre. Daí a mãe sempre muito doente também, daí já tinha 5 irmãos, eram 5 filhos então. Daí o pai disse assim: ‘não, nós vamos vendê isso aqui e vamo pra Santa Cruz. Vou achá serviço e tudo e vamos pra lá.’”

“Aquele arroio, o pai foi no moinho pra buscá milho e veio aquela chuva, 40, 41 deu aquela enchente. Daí meu pai tava junto, não deu pra ele passar, daí a água pegou ele e foi com o cavalo, né. Daí ele conseguiu um tronco, se agarrou numa tóra de madeira e foi pra fora, daí ele conseguiu chegar perto do moinho, lá já não tinha ninguém em casa. Ele chegou lá, no chiqueiro, ele se agarrou numa carroça e daí ele ficou tempo e a água subia. Daí ele nadou até o moinho, até na casa. Daí ele se salvou, ele foi lá pra cima, como é que se diz. Lá ele ficou 3 dias sem comer, sem água, sem luz.” (Arminda Seidel Dick, 84 anos)

“Ele levantava às 4h, tomava chimarrão e ele foi pra Rio Pardo buscar uma carga de areia e pra tomá café ele já tava de volta, os outros tavam dormindo ainda.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Se a gente conta pras criança, elas não acreditam.” (Rudylla Rosalia

⁸ A questão da aquisição de um cavalo entre os teutos surge tanto no sentido de força de trabalho como um símbolo de status para seu dono. Ver Roche (1969) e Oliven (1992).

Hagemann, 72 anos)

“Não, eles não acreditam no que a gente passou. Sim, porque a gente lutou. No Natal a gente fazia doce, cuca pra fora, tudo assim pra ajudá meu marido, ele não ganhava bem, né. E levantava de madrugada e fazia pastel[silêncio], a gente lutava.” (Arminda Seidel Dick, 84 anos)

“Esse meu avô, ele foi ferreiro, né. Ele fez farinha de mandioca, moinho, prá moer cana, tinha uma outra máquina pra moer a farinha, prá fazer farinha de mandioca. Depois mais tarde, ele fez cachaça, ele fez vinho.” (Mário Assmann, 74 anos)

Ressalta-se o valor ascético do trabalho entre os teuto-riograndenses, motivados pela busca da ascensão social no “novo-mundo”, o qual também esteve presente entre ítalo-brasileiros.⁹

Seu Edvino Brandenburg, 72 anos, relatou sobre a vinda de seus avós para o Brasil em 1870. As dificuldades de instalação levaram-no a trabalhos mais “esporádicos”. Destaca-se que a divisão das propriedades era realizada com muros de pedras diante das dificuldades em conseguir arame, demonstrando a solidez dos muros como forma de demarcação dos terrenos.

“Fazia muros de pedras nos poteiros que ainda existem até hoje. Ele trabalhava nas lavouras como agregado em serviços esporádicos.”

As famílias extensas, devido à precariedade no atendimento à saúde, sofreram perdas entre os familiares.

“Minha mãe com 17 anos já teve um namorado e ela tinha três irmãozinhos menores e daí faleceram os pais. Sabe, naquela época os recursos eram poucos e eles faleceram com três meses de diferença, então minha mãe tinha noivo, então casaram para cuidar destas três

⁹ Para uma análise da relação entre a ética do trabalho e o protestantismo, ver Weber (1985). Porém, entre os teuto-riograndenses faz-se necessário contextualizar e relativizar a questão da ascensão social através do trabalho. Woortmann (1995) distingue os colonos “fortes” e colonos “fracos”, referindo-se às diferenças econômicas. Para uma análise do valor-trabalho entre descendentes de imigrantes italianos no sul do Brasil, ver Mocellin (1993).

crianças e aí ficaram estas três e minha mãe. Então ainda depois teve 17 filhos e eu sou a mais nova.” (Lori Maria Tirelli, 66 anos)

“Não era só nossa família, lá tinha a minha madrinha que também faleceu quando ganhou nenê. O nenê viveu e ela morreu. Porque era tudo muito difícil, não tinha recursos, não faziam cesárea. Também a minha irmã mais velha morreu no parto. O nenê ficou, mas dois meses depois também faleceu. Então tem muito destas histórias por aí.” (Lori Maria Tirelli, 66 anos)

Pode-se verificar as dificuldades de transporte para freqüentar a escola. No caso de Rudylla, para dar seguimento a seus estudos (após a 4ª série), necessitou freqüentar a escola em outro município.

“Era barca com defeito e enquanto a barca atravessava o rio, não tinha ponte naquele tempo em Candelária, era barca, enquanto passava tinha homens trabalhando do lado com latas de querosene, sempre tirando água, pra não encher, pra canoa não afundar. O motorista disse que eles aceitavam carga só até 200 arrobas, mas eles davam um jeitinho e botavam mais dentro, daí a barca enchia mais ligeiro.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

A falta de interesse e as dificuldades do governo provincial na construção de estradas, dificultava o escoamento dos produtos, sendo este um dos grandes problemas enfrentados pelos agricultores. Quanto maior a distância dos rios e das poucas estradas, mais difícil era a venda das mercadorias, o que pode ser comprovado pelas declarações que seguem:

Foto 2 - Travessia de barco.

Fonte: Hilda Patschkowski



“Aqui na primeira rua, onde é a Coronel Jost saía de manhã de pé descalço, no inverno tinha que ir buscar as vacas, na volta não ganhava água morna pra lavar os pés, tinha que lavar na água fria. E aí, então, o vô passando de carroça, um carroção, pra carregá o frete até lá, ele carregava até o próximo buraco, o próximo atolador, aí tinha que carregar tudo no ombro pra fazê mais leve a carroça, levava pra fora onde tava mais sêco e daí levava tudo até lá, carregava de novo a carroça e aí até o próximo atolador.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Plantava de tudo, mas na época era difícil, custava muito pra despachar de balsa. De Iraí a Palmitos eu levei um dia e pouco pra ir e levei dois dia pra voltar. Na ida eu tinha uma carga baixa e na volta eu tinha uma carga de fumo alta que descarreguemos, acho que tinha só um senhor comigo, nós descarreguemo umas quatro, cinco vez nós descarreguemo esse caminhão pra levantá com o macaco e calçar com um pau, nós tinha machado tudo junto, né. Calçava o caminhão com pau e atirava uns vinte metro pra frente, carregava novamente, daqui uns 20, 30 metros caía de novo.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

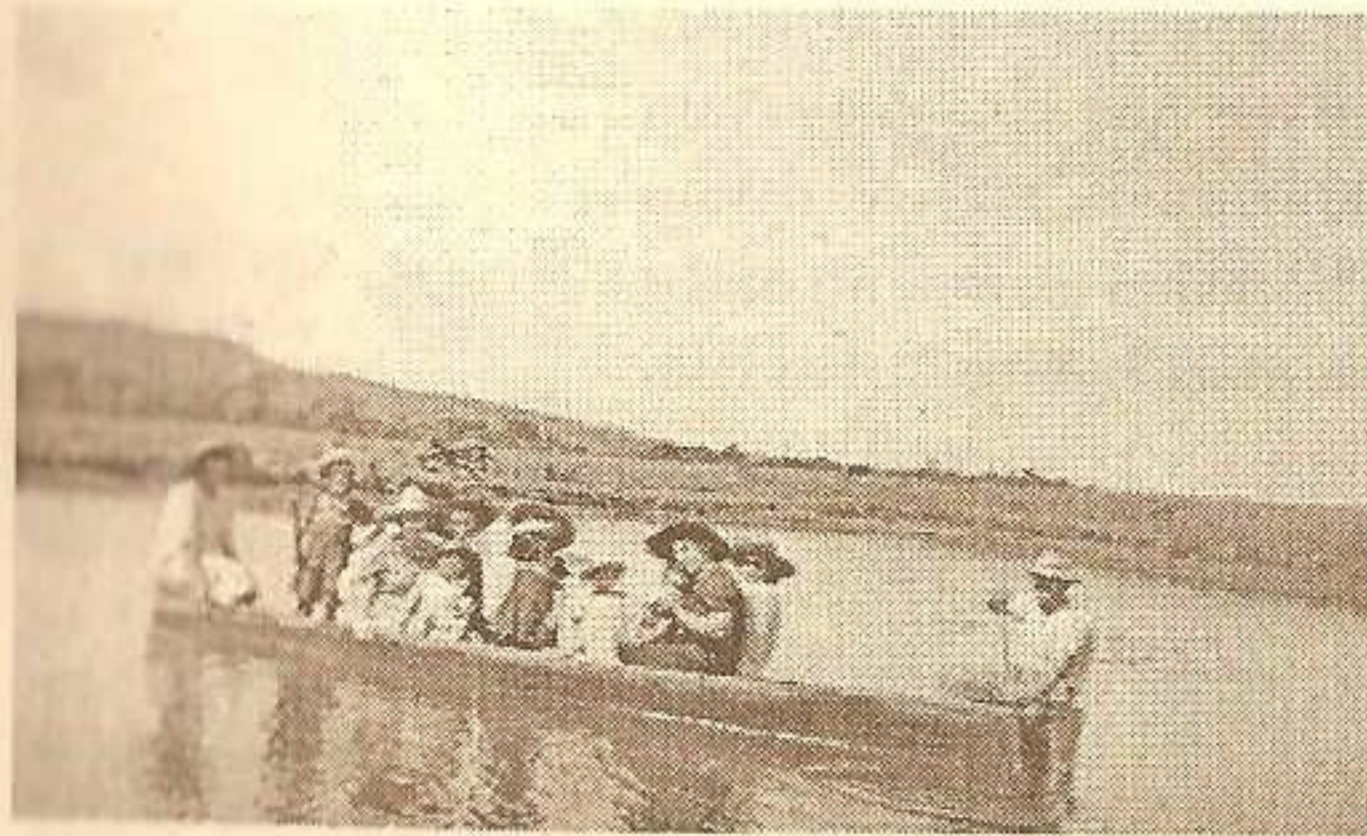


Foto 3 - Barco com várias pessoas.

Fonte: Rudylla Hagemann

O isolamento de comunicação, aliado às dificuldades de transporte, trouxeram problemas para a comercialização dos produtos agrícolas, contribuindo assim para as dificuldades de desenvolvimento e inserção dos agricultores.

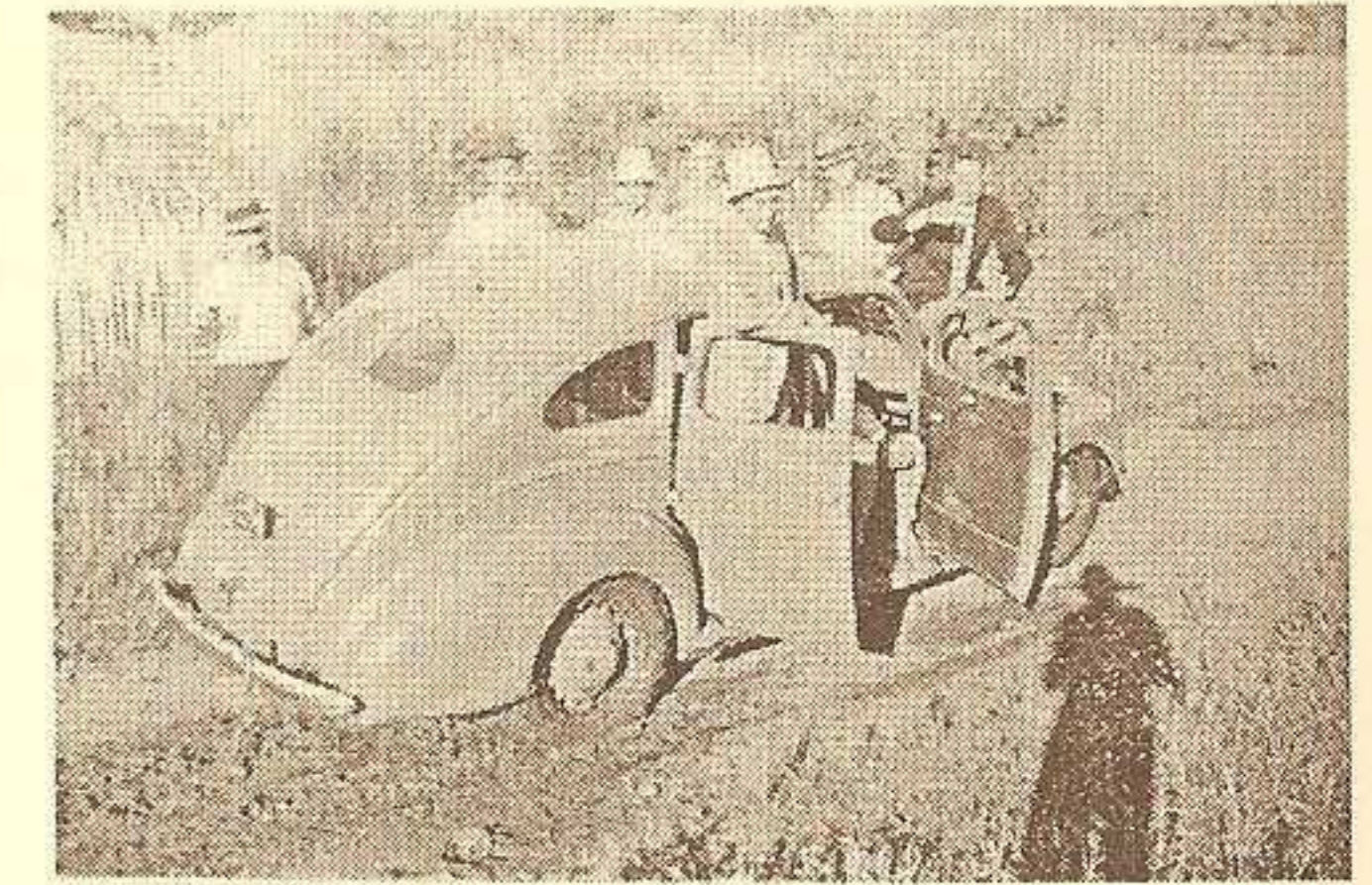


Foto 4 - Condições das estradas e os primeiros automóveis.

Fonte: Theodoro Agnes

“Em Sinimbu era gravíssimo, tinha uma ponte de arame, tinha que atravessar com as tropas, não conseguia passar pelo rio, tinha que largar as cargas e atravessar a ponte com as cargas nas costas. Os produtos de lá pra cá, uns produtos vinham de lá pra serra e outros pra lá pro comércio. A gente às vezes trabalhava das 10 da noite até às 6 da manhã, em cima daquela ponte, às vezes no inverno no frio.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

A questão do isolamento geográfico das comunidades teutas aparece entre pesquisadores como tendo repercussões diversas, tanto em termos de crescimento econômico como na integração cultural. Segundo Schreiner (1996), no princípio os negócios de permuta eram realizados diretamente entre o colono e a “venda”. Mais tarde, os comerciantes introduziram um sistema de crédito.

“A colheita não dava pra família toda assim, roupa, calçados. Uma colheita de ano, com banha, milho, feijão, trigo, cevada tudo aquilo que se colhia. O pai fornecia no comércio e ajustava depois a conta. Aquilo não dava pra completar, sempre ficava mais um saldozinho pra depois devolvê com banha ou suínos, né.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

Era recorrente o auxílio nos afazeres domésticos por parte das crianças, sendo que o trabalho na agricultura era basicamente familiar, envolvendo os filhos.¹⁰

“Eu era gurizinho quando comecei a trabalhar, antes que eu ia pra roça, eu ficava em casa, ficava puxando água, isso era longe, dava calo nos dedos. Desde que eu me lembro, eu sempre tinha um serviço pra fazer, desde os sete, oito anos, nem que fosse juntá um graveto para fazer fogo no fogão. Puxá água pros porco, prá galinha, pros terneiro.” (José Wiebeling, 77 anos)

“Lá em Venâncio Aires trabalhavam na roça, todos iam para a roça, os meninos e as meninas. Era tudo igual. Só limpar a casa, isso era das meninas. Eu, quando tinha 12 anos, fazia todo serviço de casa, cozinhava, limpava e meio dia ia na aula.” (Zita Kaufman, 76 anos)

As vivências ao longo das histórias de vida dos descendentes de imigrantes alemães apontam para alguns aspectos que marcaram sua identidade através da trajetória e a ética do trabalho, a vida nas comunidades rurais e a polêmica questão da homogeneidade étnica, religiosa e econômica. Porém, ressalta-se o perigo de mitificarmos a ética do trabalho e a falsa homogeneidade étnica, visto que própria modernização das relações sociais aproximou as fronteiras geográficas e culturais, bem como a constante construção da identidade étnica teuto-riograndense.

¹⁰ Segundo a “Pesquisa dos idosos do Rio Grande do Sul”, mais de 50% dos idosos começaram a exercer atividades remuneradas antes dos 18 anos. (CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO, 1996)

As condições de educação

“Ia de pé no chão para a aula, às vezes não tinha nem tamanco, comprava tamanco só quando vinha a colheita, se estragava não tinha outro. Casaco grosso também só tinha um, para ir na missa, só quando era muito frio é que podia botar.” (Eraci, 69 anos)

As dificuldades estruturais apresentadas no capítulo anterior como condições de locomoção, as precariedades de infra-estrutura, refletiram-se nas condições de acesso à educação formal.

Com a vinda dos primeiros imigrantes alemães e seus descendentes, assistimos à inexistência de escolas públicas em todas as comunidades. Esta carência foi suprida com a dedicação e auto-organização dos teuto-riograndenses em construir escolas, às quais encontravam-se relacionadas à religião, tanto no sentido de proximidade do espaço como na concepção de ensino.

A Lei Provincial previa a construção de uma capela e de uma escola em cada povoado, mas na prática isso não aconteceu. Os imigrantes por interesse próprio construíram suas escolas, sendo que normalmente, situavam-se próximas à capela. Porém, eram em pequeno número, obrigando os estudantes a percorrerem longas distâncias, o que fica evidenciado na fala de Seu Theodoro Agnes, 72 anos:

“Naquela época, lá perto de casa não tinha colégio. Todos ao redor da cidade vinham pro centro estudar e quem morava mais longe estudava nas escolas paroquiais.”

Os alunos percorriam longas distâncias para chegar às escolas, tinham que trocar os calçados pelo estado precário das estradas.

“Nós ia de tamanco, saía de casa de tamanco, depois no caminho escondia os tamanco e ia de pé no chão.” (Elvira Pfingstag, 78 anos)

“Nós ia de pé no chão e levava os tamanco limpo. Tinha que lavar os pé.” (Lori Maria Tirelli, 66 anos)

O que também ocorria eram escolas que funcionavam em regime de internato nas cidades, para que os alunos pudessem dar prosseguimento aos seus estudos (Schreiner, 1996).

Visto que a maioria dos professores era de origem alemã, nos primeiros tempos o ensino era exclusivamente na língua alemã. Em casa, as crianças aprendiam a falar o dialeto, na escola houve a introdução do alemão culto (Schreiner, 1996).

“Na primeira série só teve aula em alemão com o professor também alemão: Bruno Entz, que veio da Alemanha.” (Edvino Brandenburg, 72 anos)

“A professora era alemoa e brasileira, né; ela sabia as duas línguas. Se tinha alguma coisa pra repeti, aí ela falava em brasileiro.” (Idalina Agnes, 66 anos)

O ensino do português foi introduzido enquanto língua “estrangeira” na perspectiva dos primeiros imigrantes alemães (Schreiner, 1996). A questão do aprendizado através do bilingüismo (alemão e português) é ilustrativo da manutenção cultural dos teuto-riograndenses no solo brasileiro, sendo um aspecto presente atualmente, não em termos oficiais, mas no fato das pessoas mais idosas falarem o dialeto no cotidiano. Segundo Moraes (1981), ocorreram vários conflitos entre representantes de escolas paroquiais (vigários) que lecionavam na língua alemã e de escolas públicas que lecionavam em português. Sob o pretexto da necessidade do ensino religioso, principalmente entre alunos entre os 8 e 12 anos, vigários e pastores buscavam convencer os pais dos benefícios espirituais

da escola paroquial. Segundo uma carta de uma professora de escola pública em 1941:

“Também eu, professora, muito tive que lutar para conservar a minha Escola. Enquanto as escolas paroquiais contavam com uma matrícula de 30 alunos, a minha nem a esse número chegava. Perguntei a diversas famílias o motivo de não mandarem seus filhos à Escola Pública, e esta resposta: se o meu filho for à tua escola, o padre não lhe dará a Comunhão Solene.” (In: Moraes, 1981:110)

A campanha de nacionalização (1937-1945) também voltou-se para o sistema de ensino e a proibição de falar a língua alemã nas escolas, estendendo-a para associações recreativas e religiosas. Esta proibição e a mudança do ensino paroquial para o público acarretou reações nas comunidades teutas, seja em decorrência da língua ou pelo afastamento de professores locais.¹¹

Porém, posteriormente verificou-se que algumas escolas utilizavam-se do ensino bilíngüe em sala de aula.

“Na Escola São Luís pelo menos a metade era lecionado em língua alemã, era dividido assim como livro em português. Veja a conta assim, nós aprendíamos em português e em alemão.” (Edvino Brandenburg, 72 anos)

“Um tempo, ele lecionava, explicava em alemão uma coisa, daqui há pouco já explicava em português.” (Theodoro Jacob Agnes, 84 anos)

A disciplina rígida nas escolas aparece como uma característica das décadas anteriores e entre os teuto-riograndenses.

¹¹ Segundo Kipper (1979), apenas em 1939 a prefeitura municipal de Santa Cruz do Sul começou a construção de escolas municipais (“6 grupos escolares e 18 escolas isoladas municipais”).

“Nós apanhava de vara de marmelo, era só olhar pra traz um pouco, ou conversava um com outro, pronto e ainda tinha que trazê a vara de casa.” (Elvira Pfingstag, 78 anos)

“Lá quem ganhava castigo era pra ir lá na frente, e ele [professor] sentado lá no lugar dele, na catapulca, não sei o nome, com uma vara grande dava nas criança. Isso foi em 1934.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

“Tinha castigo, às vezes tinha que botar a mão assim e splotch, splotch. Tinha vara também, quando um guri que incomodava demais dava uma surrinha com vara de marmelo. Aliás, os pais tinham em casa. Era rígido, mas os guris com isso, pegavam, eu acho, uma educação melhor que hoje, porém existiam exageros.” (Theodoro Jacob Agnes, 84 anos)

“Às vezes, eles colocava as criança de joelho num canto, meia hora. Outros então eles deixavam na aula sentado, quem não tinha estudado ficava sentado.” (Idalina Agnes, 66 anos)

Ressalte-se que a escolha dos respectivos professores nas colônias ocorreu entre os mais preparados entre os descendentes alemães ou então trazidos da Alemanha. O professor muitas vezes dedicava-se também ao trabalho na lavoura, sendo que a comunidade, organizada a partir da religião, contratava os mais capacitados para lecionarem.

Ainda em relação à educação não podemos reduzi-la ao estudo formal, mas destacar o saber sócio-cultural adquirido em outras esferas da vida cotidiana. O ensino religioso certamente ocupa um papel central paralelamente ao ensino escolar. Embora seja necessário relativizar a relação entre trabalho intelectual e trabalho manual, ressalta-se que devido

à necessidade de inserção nas atividades agrícolas, o trabalho manual apresentou-se como uma característica dos teutos em Santa Cruz do Sul. De acordo com a pesquisa sobre “As condições de vida do idoso no RGS”, 41,68% possuem o 1º grau incompleto e 25,26% o primário completo. Ressalta-se que estes dados são para o conjunto dos idosos, incluindo os urbanos e de todas as etnias. Porém, analisando os mesmos dados para Santa Cruz do Sul, verifica-se condições semelhantes, acrescenta-se que a continuidade nos estudos obedeciam a critério econômico e de gênero, visto que os homens tinham privilégios em detrimento das mulheres e entre as famílias mais privilegiadas economicamente.

A religiosidade “alemã”: entre católicos e evangélicos

A religiosidade aparece como aspecto central entre os teuto-riograndenses, tanto em termos espirituais como para a luta cotidiana pela sobrevivência e fortalecimento dos laços de solidariedade entre os imigrantes e seus descendentes. Assim, religiosidade e união familiar foram traços centrais para a coesão dos primeiros imigrantes, como aparece no relato do Sr. Theodoro Jacob Agnes, 84 anos:

“Prá missa, então, vinha de carroça. Alguém ficava pra tomar conta da casa, cozinhar, então aí no outro domingo revezava entre as gurias. Mas a missa era obrigatória.”

A filiação religiosa assumiu importância crucial no processo de assimilação dos teutos-riograndenses. Frente às vicissitudes do “novo mundo”, ao processo de estranhamento cultural e geofísico, a religiosidade cumpriu um papel de coesão espiritual.¹²

Quanto aos evangélicos verificou-se a maior manutenção de contato com a Alemanha, seja através de auxílio financeiro, do envio de pastores, de professores e para a construção de

¹² Segundo pesquisa sobre o perfil dos idosos da região do Vale do Rio Pardo, 72,45% são católicos e 24,57% são evangélicos.

templos e escolas (Becker, 1957).

A diferenciação entre os católicos e os evangélicos aparece por diversas vezes nos relatos. Segundo Schreiner (1996), uma parcela dos imigrantes e seus descendentes eram evangélicos, assim não pertenciam à religião do Império.

“Quando era guri, ele não passava na rua Venâncio Aires, fazia a volta, aqui por cima, pra não passá na frente da Igreja Evangélica.” (Edvino Brandenburg, 72 anos)

“Ainda quando criança, na escola especialmente, os evangélicos eram discriminados pelos católicos.” (Theodoro Jacob Agnes, 84 anos)

Apesar de haverem diferenciações, não se pode generalizar os relacionamentos entre católicos e religiosos, sendo que muitos momentos era marcados pela cordialidade.

“Nós tínhamos uma relação de amizade, apesar de que na região era dividido assim, os católico e os evangélicos.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

O relato de Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos, que é evangélica, ilustra as peculiaridades de convívio numa escola católica.

“Nós chegava na aula nas freiras, primeiro ia na missa, né, nós acompanhava todas as missas, todas as manhãs. Prá tirar o primeiro lugar contava. A gente não tinha nada contra, eles também não, nada contra a gente, eram católico mesmo, os Müller de Arroio Grande, então eles sempre chegavam na aula tarde, daí a freira sempre dizia: ‘você não tem vergonha, esses são evangélico e participam da missa todos os dias, né’. A gente

acompanhava tudo, se ajoelhava, até sinal da cruz a gente fazia. Quando a gente ia na instrução pra tomá a Primeira Comunhão da Igreja Evangélica, o pastor perguntava: ‘onde é que tu tava, na igreja evangélica ou na católica’. A gente entrava era um pouco diferente, hoje é quase igual.”

A íntima relação entre educação e religiosidade encontrava-se presente no cotidiano dos alunos, em forma de rezas na sala de aula, nos rituais religiosos e enquanto formação sócio-cultural.

“Era tradição que entrava dentro da aula, da sala de aula se rezava um Pai Nosso, Graças a Deus, terminada a aula se rezava de novo. E uma vez por mês todo mundo ia à comunhão, todo colégio.”

“Para os alunos, uma vez por mês, era a primeira sexta do mês. Então, dia antes iam se confessar, tinha hora pra se confessar, hora certa.” (Theodoro Jacob Agnes, 84 anos)

A distância e o isolamento de algumas comunidades, juntamente com o menor número de padres, levava ao maior espaçamento entre missas e cultos.

“O Padre só vinha uma vez por mês para rezar missa e dar a doutrina para as crianças. Nos outros domingos a maioria ia na missa na catedral. Quase todos tinha a charrete a cavalo como meio de transporte para ir à missa.” (Lori Maria Tirelli, 66 anos)

“Mas naquele tempo era de dois em dois meses que tinha missa, o padre vinha a cavalo. De quatro em quatro anos o bispo vinha crismar. Ali que a gente via

um auto se não, não se via auto.” (José Wiebeling, 77 anos)

Entre os evangélicos, igualmente observava-se dificuldades na prática dos cultos.

“Nós só não tinha culto todos os domingos, às vezes uma vez por mês.” (Elvira Pfingstag, 78 anos)

“Não, às vezes de 60 dias, falta de pastor.” (Lauro Pfingstag, 78 anos)

Ainda falando da religião, Sr. José Wiebeling, 77 anos, traz as informações sobre o processo de catequização das crianças na sua infância:



Foto 5 - Celebração da Crisma.

Fonte: Zita Kaufmann

As características apontadas quanto à prática da religiosidade, tanto entre católicos como entre evangélicos, principalmente no que se refere às dificuldades relacionadas às longas distâncias das igrejas, levava ao fortalecimento dos laços religiosos e comunitários. A fé, além do aspecto espiritual, fornecia elementos de coesão social.

“Naqueles anos não podia uma criança ser crismada nos primeiros dias. Isso de quatro em quatro anos vinha o bispo. Mas daí os crismante podia levar na igreja e o padre fazia o batismo e depois já passava na mesma fila o bispo crismando. E que eu me lembro eu tinha quatro anos, quando eu fui crismado.

E prá fazê a primeira comunhão, eu aprendi em casa. Só quando foi prá me confessá, eu tive um meio dia de instrução pelo padre, prá vê se eu, se eu tava preparado, se podia tomar o santíssimo. Daí, na mesma tarde da catequese, fui confessar, lá em São Pedro”.

Repressão e conflitos étnicos e políticos no Estado Novo

“A Catedral foi inaugurada em pleno silêncio, ninguém falava, o padre fez um sermão em português, e só talvez dez ou vinte por cento entendiam alguma coisa e todo mundo ficou quieto prá não se incomodar, né. 1939 ou 40, eu acho que foi no Natal de 39.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

No período do Estado Novo, entre 1937 e 1945, ocorreu a “Campanha de Nacionalização”, sendo que entre as determinações encontrava-se o uso da “língua nacional” nas escolas, cultos, repartições públicas, reuniões sociais, vias públicas e até domicílios. (Gertz, 1991; Seyferth, 1993, 1997; Kipper, 1979).¹³

Gertz (1991) ressalta a ação nacionalizadora e repressiva durante o Estado Novo e mais especificamente com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial frente aos descendentes alemães, relatando casos de perseguição em municípios do Vale do Taquari e do Vale do Rio Pardo, em decorrência da manutenção dos costumes alemães, do uso do dialeto no cotidiano, leitura de periódicos, livros e o fato de muitos descendentes acompanharem as notícias dos jornais e rádios relacionadas com a Alemanha.

“Eu sei que lá em Venâncio na Igreja nós tínhamos livros em alemão e era proibido e eles tiraram todos os livros. Ficavam na frente da Igreja e olhavam os livros e se era em alemão eles tiravam. Os livros da oração, da doutrina, da missa que a gente lia. Naquela época tinha esses livros grossos que a gente levava para rezar e cada um tinha seu livro que levava junto para rezar.” (Edvino Brandenburg, 72 anos)

¹³ Por questões de espaço, neste artigo irei me deter nos efeitos da “Campanha de Nacionalização”, visto que foram os relatos mais recorrentes nas “histórias de vida”. Porém, registra-se o envolvimento dos teuto-riograndenses em outros episódios políticos e de guerra: na Guerra contra a Argentina (1851), a vinda de soldados alemães conhecidos por “Brummer” para fortalecer o exército brasileiro; na guerra contra o Paraguai (1865-1870), a presença de teutos enquanto voluntários e na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), acusações de pangermanismo na imprensa brasileira.

“A gente acompanhou tudo pelo rádio e não podia mais falar o alemão.”
(Irene Seidel, 85 anos)

“O meu pai uma vez, eles foram escutá rádio e foram preso de noite. Daí a minha mãe ficou muito nervosa. Mas meu pai saiu, os outros ficaram um ou dois dias ainda, só porque eles falaram em alemão. Pegaram eles ouvindo o noticiário da Alemanha.

Tinha um que a mãe dele não falava em português, era costume ouvir rádio quando falava da guerra, quantos navios tinham afundado e eles ficavam ouvindo por ali e prendiam as pessoas.”
(Idalina Agnes, 66 anos)

Schrader (1974) aponta que os teutos localizados no meio urbano tiveram maiores simpatias com as idéias nacional-socialistas, sendo apoiados por alguns sacerdotes e professores. Segundo Schreiner (1996), os teutos preocupados com seus amigos e parentes enviados para a guerra mandavam-lhes alimentos, porém estes gestos não foram compreendidos pelas autoridades policiais como auxílio a parentes, mas um vínculo e simpatia com o nacional-socialismo.

Ao reportarmo-nos à construção da identidade teuto-riograndense, importante é não incorrer no erro de absolutizar o grupo, que guarda diferenciações internas. Assim, não podemos pressupor uma homogeneidade ao falarmos em teuto-brasileiros ou teuto-riograndenses. Da mesma forma, ao buscar-se investigar possíveis relações dos teuto-brasileiros com os ideais nacional-socialistas, necessita-se ter presente as diferentes posições que compõem os teuto-riograndenses: diferenças religiosas, das regiões oriundas da Alemanha e posições políticas, seja por parte de ideólogos do germanismo ou o povo mais distante das disputas políticas.

Seyferth (1983) aponta alguns momentos de crise em que os teutos brasileiros eram vistos como estrangeiros: no Império eram estigmatizados como “colonos e não cidadãos” e

eram vinculados à propaganda pangermanista, durante a 1ª Guerra Mundial, e, posteriormente, com a propaganda nazista.

A manutenção dos costumes alemães mobilizou a desconfiança das autoridades (Secretaria da Segurança do Estado do Rio Grande do Sul) e a conseqüente repressão aos teuto-riograndenses até meados de 1943.

A partir de 1938, a população começa a ser proibida de falar o alemão, tanto nas escolas, repartições públicas e cerimônias religiosas; sendo que policiais controlavam inclusive os domicílios, o que é elucidado pelo relato de Dona Zita Kaufman, 76 anos.

“Tinha a sogra da minha irmã, ela era Hansen; aquela falava só o alemão e então ela morava junto com minha irmã e o filho dela. E aí ela tava presa lá dentro do quarto, não podia sair, lá fora sempre tinha gente vigiando para ouvir se estava falando em alemão.”

“Naquela época eu trabalhava numa loja, aí os colono vinham na loja só com os bilheteinho e a gente tinha que aprontá tudo as compra pra eles e botava na malinha deles e ó, nem falavam, nem abriam a boca, tanto medo.” (Armanda Seidel Dick, 84 anos)

A proibição de falar a língua alemã estendeu-se para as práticas religiosas, sendo recolhidas Bíblias, cânticos e demais materiais religiosos.

“No ano da minha Confirmação, foi em março de 39 que eu ganhei a Bíblia em alemão e eles recolheram, podia ser que fosse material revolucionário.” (Irene Maria Seidl, 85 anos)

“Primeiro era tudo em alemão [rezas da missa] e depois o alemão foi proibido.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

Segundo Schreiner (1986), em 25 de agosto de 1939, o Capitão Aurélio da Silva Py proibiu todas as prédicas em alemão. A reação dos evangélicos foi a de eliminar as prédicas e manter a liturgia e cantos em alemão, já que o documento falava apenas nas prédicas. As autoridades consideraram esta defesa como atividade nazista e aumentaram o controle. Enquanto não eram compostos novos cantos, os órgãos apenas tocavam as músicas.

Esta proibição inicial não levou os fiéis a diminuir a frequência às igrejas, porém quando não era possível falar nem cantar em alemão nos cultos houve uma diminuição das pessoas que freqüentavam os cultos, principalmente, porque em alguns casos pessoas foram presas por falarem alemão na igreja.

Segundo Kipper (1979), era costume dos alemães gravar dísticos, pensamentos, poesias ou ditados na língua alemã, os quais eram usados em fachadas de prédios, lápides, quadros comemorativos, em toalhas bordadas que ficavam nas salas ou cozinhas. Como percebiam que este material poderia ser indício de ligação com o nacional-socialismo, o povo começa a retirá-los.

“Minha mãe tinha fotos, quadros de parede e ela se preveniu e guardou tudo porque eles queriam levar.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Em Sinimbu, inclusive nossos apontamentos que nós tinha assim, nós jogava tudo no rio, livros, história assim, eles chegavam a ameaçar, né.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

“Pessoas que sabiam, que tavam nessa perseguição se adiantaram então, e tiveram a idéia de enterrá caixa, de fazê buraco no chão.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

Funcionários e policiais utilizam seus poderes de forma arbitrária, buscando inferiorizar os alemães. Estas pessoas que cometiam atos agressivos contra os alemães eram, na sua maioria, luso-brasileiros.

“Tinha um capataz na rua assim, eu vou te botar na cadeia, eu disse botá, eu recém tinha dado baixa no exército: ‘tu nem brasileiro não é, me mostra tua carteira de reservista.’ [policial]. Eu disse pra ele assim: ‘que tu tá pensando, eu vim do militar agora, me respeita um pouco, o que tu tá pensando, por que fazer ameaça, deixa a minha sogra falá em alemão ela não sabe falá diferente’.”

É, então uns respeitaram, outros não, chegaram numa casa, se esconderam dentro do mato e de noite, limpavam a casa deles, destruíram tudo. Quantas vezes eu tinha que ir na delegacia explicar.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Então sempre tinha aqueles comentários, na venda e no balcão ficava um folheto ali, nunca o pai recolheu nada, nunca guardou. Quando o Brasil entrou na guerra ele denunciou meu pai que ele distribuía material anti-Brasil e aí que apareceu de repente lá um grupo, e foram botar meu pai contra a parede e revistaram tudo. Minha irmã pequena tava com dois anos, já entendia as coisas, ficou tão horrorizada, gostando muito do pai, ela não podia imaginar que aquilo podia acontecer, era tempo dos caqui maduro e, não sei quem queria colher frutos e precisava do pai pra leva a escada na árvore, aí os homem disseram: ‘o Sr. pode ir lá levá a escada’. O pai disse pra eles: ‘eu não vou levar lá a escada, porque enquanto eu vou levar a escada vocês pensam que eu vou esconder alguma coisa, eu só vou se vocês vão junto’. Aí, dentro de casa viraram colchão. Eles examinaram tudo e no fim porque não se satisfizeram levaram livro de Igreja, levaram Bíblia em alemão, podia ser que fosse material

contra o Brasil. Muita gente enterrou coisas, não sei como é que conseguiram salvar alguma coisa daquele tempo.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

O conflito étnico aparece através da relação tensionada entre “alemães” (teuto-riograndenses) e “brasileiros” em muitos relatos. No princípio este sentimento era encoberto, porém, com a Campanha de Nacionalização, alguns aproveitaram para coagir os mais temerosos. Sendo que a estigmatização em torno do termo pejorativo de “alemão batata”, utilizado por lusos-brasileiros para falar dos alemães, ficou marcado principalmente entre os mais jovens.¹⁴

A “Campanha de Nacionalização” e os conflitos dela decorrentes podem ser analisados enquanto momento paradigmático da “identidade contrastiva” (Cardoso de Oliveira, 1976), quando os teutos-riograndenses são deparados com a questão do pertencimento à nação (alemã ou brasileira). A “acusação” da busca de uma homogeneidade étnica, religiosa e política (divulgada principalmente entre ideólogos da germanidade) contrastou com o crescente contato com as demais etnias e com o contexto político nacional e internacional.

Festas, namoros e sociabilidades

Se a religião cumpre um papel primordial na instalação e lutas dos alemães no Brasil, o Kermesse e o Kerb aparecem como momentos ritualísticos de reencontro entre os laços de parentesco que encontravam-se dispersos entre as comunidades.¹⁵

“O maior kerb sempre fazia na casa de um irmão, hoje é falecido já, em Estrela. Lá era o típico kerb alemão assim, né. Bem enfeitado, tipo de carnaval, a orquestra tocando às 5 e meia, de tardezinha. Tinha o rei e tinha que ir no salão com a garrafa e ali então ele tinha que entrar com a garrafa e abrir

¹⁴ A estigmatização a partir de termos preconceituosos pode ser notada entre outras etnias como, por exemplo, “gringo” (italo-brasileiros), “turco” (árabe-brasileiro), “polaco” e inclusive “brasileiro” quando os teutos-brasileiros referem-se a outras etnias (principalmente luso e afro-brasileiros), ou, então, “blau” (caboclo).

¹⁵ Neste artigo não me deterei em outras formas de sociabilidade e manifestações socioculturais entre os teutos de Santa Cruz do Sul, tais como sociedades desportivo-recreativas, de tiro ao alvo, cavalaria, bolão, clube de canto e de teatro.

a cerveja assim em roda do balcão grande que tinha, aí o pessoal entrava, cada um tomava um copo de cerveja. Isso era a entrada do kerb, carnaval da época.” (Theodoro Jacob Agnes, 84 anos)

Segundo Müller (1981), o kerb era um acontecimento que repercutia em muitas mudanças no dia-a-dia das pessoas, sendo que os preparativos podiam iniciar-se até com um mês de antecedência. A casa recebia uma preparação completa e muitos doces e salgados eram preparados. O Sr. José Wiebeling fala das quermesses que ocorriam:

“Nós lá em casa, era uma turma muito grande, então o pai tinha um carretão grande assim, quando ia numa kermesse, quando ia num baile assim. Daí botava umas tábua atravessada em cima da caixa e o pai ia na frente com os boi e nós ia nos bailes, nós ia sempre junto.”

Na época dos bailes, as senhoras varriam o salão e depois espalhavam parafina raspada com farinha de milho pelo salão, para torná-lo mais escorregadio, como se pode observar no relato que segue:

“Parafina prá alisar o salão, prá dançar melhor [risos]. Eles botavam farinha de mandioca também.” (Irene Maria Seidl, 85 anos)

Quando os parentes começavam a voltar para suas casas levavam uma recordação do kerb: cuca, um assado, uma galinha, ou no mínimo uma braçada de flores e mudas de plantas (Müller, 1981). Estes alimentos, além do valor de uso, possuem um valor simbólico, representando o estreitamento das redes familiares e como uma forma de “dádiva” (cf. Mauss) contida nos alimentos adquiridos no “mundo novo”.



Foto 6: Carroça

Fonte: Hilda Patschkowski

“Mas falando em kerb, eu só ia lá em Bom Princípio, justamente o encontro dos familiares. A festa maior que se encontrava, então se fazia almoço bom, vinho, era o dia de vinho e em geral vinha parentes de Santa Rosa, era o encontro anual. E quando iam embora, isso eu nunca esqueço, se dava uma cuca inteira. Então iam a cavalo na época, cada um saía com uma cuca. Mas levavam sua cuca como lembrança porque vieram encontrar os amigos.” (Rudylla Rosalia Hagemann, 72 anos)

Os kerbs tinham uma relação com o catolicismo, marcando o dia do Santo Padroeiro da comunidade. O “espírito comunitário” aparecia

na congregação em torno do kerb, onde parentes e amigos “distantes” reuniam-se para fortalecer os laços de solidariedade. O kerb possui um duplo caráter: o aspecto religioso e o profano. Sendo iniciado por uma missa que marca o dia do santo padroeiro dos evangélicos e o dia comemorativo da fundação da Igreja para os protestantes, seguida das festividades, com alto consumo de bebidas alcoólicas e comidas típicas como cucas, lingüiças, chucrut (repolho), doces e natas. Neste momento a festividade aparece marcada pelo

excesso, seja através da dança, da alimentação e do consumo de bebidas. Esta demonstração de abundância é um elemento característico dos rituais festivos. E, no caso dos kerbs e quermesses, aparecem como uma demonstração de prosperidade em detrimento da trajetória do trabalho e dos sacrifícios.

Quanto às formas de

namoro e relacionamentos afetivos, o diálogo abaixo ocorrido entre alguns idosos é elucidativo das formas e maior rigidez das relações de namoro das décadas passadas.



Foto 7 - Orquestra Santa Cruz.

Fonte: Theodoro Agnes

“Quando saía nós saía junto pegava na mão, mas quando os velho [pais] olhava pra trás nós largava. Me lembro até hoje quando eu pedi o primeiro beijo dela, nem um beijo queria dar.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Eu dei um beijo, mas aí ela avermelhou.” (José Wiebeling, 77 anos)

“E pra dá um beijinho, só escondidinho assim, ligeiro, né; não era assim que nem hoje.” (Elvira Pflingstag, 78 anos)

“Mas era gostoso também, né.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Eu sei que quando nós noivamos, nós já era noivo, nós caminhava só de mãozinha, não de braço.” (Elvira Pflingstag, 78 anos)

“É, sempre tinha alguém junto, um amigo, uma amiga.” (Idalina Agnes, 66 anos)

O relacionamento entre pessoas de origem lusa e teuto não ocorreu de forma harmoniosa, ressaltando-se que nas “colônias alemãs” os lusos encontravam-se em minoria.

“Eles, meus pais também, quando a gente dançava com um rapaz brasileiro, ele vinha ‘sai, sai’, falando em alemão.” (Elvira Pflingstag, 78 anos)

“Nos bailes sempre um irmão ou irmã estava junto. Porque era meio longe, naquela época nós tinha que ir de cavalo, né, não tinha assim como hoje, ônibus e tudo. Era como uma festa mesmo, e depois aquele saco que a gente botava em cima pra freiar o cavalo, era tão bom.” (Theodoro Jacob Agnes, 84 anos)

O impedimento da união entre católicos e evangélicos aparece nas primeiras fases da colonização. Segundo Cunha

(1991), os Concílios de Trento (1545-1563) e do Vaticano I (1869-1870), proibiram os casamentos mistos. Esta proibição advinda dos descendentes alemães foi seguida pelos religiosos mais praticantes no Brasil, sendo que, com o passar do tempo foi sendo dirimida em função do convívio e das proximidades das redes de relações.

No princípio, as “proibições” de convivência entre católicos e evangélicos estenderam-se aos relacionamentos e possíveis contatos afetivos.

“Nós não podia nem dançar com os católico, o pai dizia: ‘se não tu não vai mais no baile’.” (Arminda Seidel Dick, 84 anos)

“Eu dancei uma vez com uma colega, era católica, a mãe viu ela foi prá ir lá tirar, nós fugimos ligeiro prá uma outra ponta.” (Lauro Pflingstag, 78 anos)

“Logo ele ficou católico, se não nós não podíamos namorar. Ele não pôde entrar na casa, meu pai disse, se ele não ficar católico.” (Hilda Kuhn Patschkowski, 84 anos)



Foto 8 - Casamento entre teuto-riograndenses.

Fonte:
Edvino Brandenburg

com outras etnias, decorrentes do distanciamento geográfico e da “solidariedade étnica” (Roche, 1969). Ressalta-se que no princípio a endogamia foi reforçada inclusive para a proibição de casamento entre católicos e protestantes. Woortmann (1995), analisando o casamento entre teutos de Dois Irmãos

(RS), ressalta que antes do amor romântico a partir de uma escolha individual, o casamento obedecia a critérios de conhecimento das redes locais e arranjos familiares entre descendentes da mesma etnia e posição social ou preferencialmente de posição social mais privilegiada (casamento hipogâmico).¹⁶

Considerações finais

Uma das dicotomias do mundo contemporâneo no aspecto cultural ocorre entre a massificação (através do aparato tecno-informacional, meios de comunicação em geral) e as manifestações culturais que imprimem uma identidade aos grupos, seja étnica, etária, de gênero. O resgate das identidades regionais convivem com a possibilidade da transnacionalização cultural, sendo impossível pensá-las isoladamente.¹⁷

Ao trabalharmos com a identidade étnica no mundo contemporâneo, marcado pelo intenso fluxo intercultural, é importante não cair na armadilha de substancializar ou mesmo caricaturizar um determinado grupo ao buscarmos a homogeneização cultural.

No contexto brasileiro, caracterizado pela diversidade cultural e de manifestações étnicas, surge a questão da integração cultural. Paralelamente ao mito da “democracia racial”, verifica-se a busca de afirmação das identidades e visibilidade social de diversas etnias: nipo-brasileiros, afro-brasileiros, árabe-brasileiros etc.

Se tomarmos por referência o conceito de “identidade contrastiva” (Cardoso de Oliveira, 1973)¹⁸, verifica-se que a construção da identidade teuto-riograndense tem por referência a sociedade abrangente, seja lusos-brasileiros, afro-brasileiros, ítalo-brasileiros e outras etnias. No mesmo sentido, Barth (1969) trabalha a construção da identidade a partir dos “limites étnicos” no contato com outros grupos. No começo da imigração e do incipiente sentimento de brasilidade, a afirmação da identidade teuto-riograndense ocorreu em contraste com os “brasileiros”, as hostilidades geográficas e culturais.

¹⁶ Em pesquisa que realizei (Santos, 1995) sobre as concepções morais e amorosas frente à tradição e às inovações comportamentais advindas dos meios de comunicação, mais especificamente através da televisão numa comunidade teuta, que se emancipou do mesmo município analisado por Woortmann, igualmente verificou-se a forte presença da endogamia entre o grupo, seja pelo pouco contato interétnico ou devido a fatores socioculturais relacionados à identidade étnica.

¹⁷ Ver Marcus (1990) sobre a construção de identidades frente à transnacionalização cultural, o encurtamento das fronteiras geográficas e a proliferação dos meios tecno-informacionais.

¹⁸ Segundo Cardoso de Oliveira (1976), a “identidade contrastiva” constitui-se a partir da oposição, do contato interétnico, na qual ocorre a afirmação do grupo do “nós” diante dos “outros”, visto que a identidade não se afirma isoladamente.

Neste contexto, torna-se importante distinguir o "natural" estranhamento cultural e geográfico de possíveis atitudes etnocêntricas por parte dos descendentes de imigrantes alemães. Numa perspectiva mais global, todos os processos migratórios geram adaptações e possíveis conflitos culturais, políticos e econômicos. Contemporaneamente, a nível mundial a questão do multiculturalismo tem emergido paralelamente a debates econômicos e políticos, verificando-se a diversidade de variáveis para definir uma determinada nação ou mesmo o "sentimento nacional".

No meio rural ressalta-se a polêmica do isolamento geográfico/econômico e homogeneidade étnica/religiosa. Porém, a questão do isolamento necessita ser melhor contextualizada, visto que tiveram contato com outras etnias e com demais fatores da modernização da sociedade brasileira. Assim como é ilusório pensar numa identidade homogênea, ressaltam-se os vários discursos propagando a germanidade, seja de jornalistas, clérigos ou professores.

A ética de que se fala no presente trabalho enquanto uma representação afirmativa da identidade teuto-brasileira como um todo, encontra-se relacionada na trajetória de trabalho e na busca de ascensão social no "novo mundo".

Quanto ao processo de educação destacam-se três fatos históricos que demarcaram a inserção dos teuto-riograndenses: a carência de escolas públicas nas comunidades e a conseqüente auto-organização a partir da religião católica e evangélica; a íntima relação entre educação e religiosidade, devido à despreocupação com a educação formal por parte das autoridades públicas (a relação citada serviu como forma de manutenção dos costumes e a afirmação identitária); o terceiro fato esteve ligado com a "Campanha de Nacionalização", no período do Estado Novo, e a conseqüente proibição da língua alemã.

A questão da "solidariedade étnica" entre os teuto-brasileiros vivendo nas comunidades rurais, apontada por Roche (1969), envolve fatores históricos do processo de colonização no "novo mundo". O duplo sentimento de pátria dos teutos estava relacionado à inesquecível conservação dos costumes advindos da pátria alemã (língua, religiosidade, hábitos

cotidianos) e a necessidade de adaptação com todas as contradições sentimentais (saudade), geográficas (mata virgem), alimentares (novos hábitos tais como feijão, mandioca) e contato com etnias desconhecidas.

Referências bibliográficas

- BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and Boundaries*. Bergen (Oslo): Universitetsforlaget, 1969.
- BERGER, Manfredo. A função da Igreja no Processo de Aculturação dos Teuto-Brasileiros. *II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Recife, 1974.
- BECKER, Rudolf. O sínodo Rio-Grandense no Séc XX. In: BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Editora Regional, 1957.
- BOURDIEU, Pierre. L'Identité et la Représentation. *Eléments pour une réflexion critique sur l'idée de région. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 35, 1980.
- CUNHA, J. L. Os Colonos Alemães de Santa Cruz. In: *Os Colonos Alemães e a Fumicultura*. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da FISC, 1991.
- DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: DURHAM, E.; CARDOSO, R. (org.). *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. O vagão Humano. *Veja*. 25 anos, 1993.
- GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no séc. XIX (1850-1889)*. Dissertação de Mestrado em História/UFRGS, 1996.
- GERTZ, R. E. Os Alemães no Rio Grande do Sul. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994.
- _____. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976.
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- KIPPER, M. H. *A Campanha de Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul, 1979.
- MARCUS, George. *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre modernidade no final do século XX ao nível mundial*. Houston, Texas. Apresentado na XVII ABA, Florianópolis, SC.
- MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as origens: um estudo sobre memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana do RGS*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, 1993.
- MORAES, Carlos de Souza. *O Colono Alemão*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1991.
- MÜLLER, T. L. *Colônia Alemã – Histórias e Memórias*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PICCOLO, Helga. *Alemães e italianos no Rio Grande do Sul - fricções inter-étnicas e ideológicas no século XIX*. [S/e, s/d]
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, [s/c], 1969.
- SANTOS, João Anibal Gottens dos. *Televisão: cultura local e global. Etnografia de audiência entre descendentes de imigrantes alemães no RGS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. PPGAS/UFRGS, 1995.
- SCHRADER, Achim. *Êxitos da Aculturação Urbana e Rural de Imigrantes de origem Alemã e dos seus Descendentes no Sul do Brasil. II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Recife, 1974.
- SCHREINER, Renate. *Entre Ficção e Realidade. A imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado: FATES; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1996.
- SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. Apresentado na XIX ABA. Niterói, 1993.
- _____. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. *Revista Mana*. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1997.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos Alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. Editora Nacional, 1946.

- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Editora, 1985.
- WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres*. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste. Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.